

6 Conclusão

As películas de Friedrich Wilhelm Murnau representam não somente a visão poética de um indivíduo, mas também as ansiedades de uma das culturas mais turbulentas da história moderna. Em nosso trabalho, procuramos mostrar como isto se deu no caso do filme *Nosferatu*, levando em conta outro período de agitação social e espiritual: a época do Romantismo.

Procuramos deixar claro que as inquietações espirituais que animaram a imagética romântica influenciaram artistas alemães no início do século XX, e não foi diferente com o cineasta Friedrich Wilhelm Murnau. *Nosferatu* é um filme que mostra-se eivado de imagens e questões facilmente atribuídas a Caspar David Friedrich, ao questionamento da fé – principalmente na figura de Ellen – e à imantação de sentidos à natureza, que realmente torna-se uma personagem do filme.

Em relação a Ellen, cremos ser esta uma personagem crucial na leitura que fazemos, ao fim e ao cabo, da mensagem do filme em relação às nossas interpretações acerca das questões românticas e expressionistas, do contexto do pós-guerra alemão e da confusa cultura política de Weimar. Se Hutter, seu marido, é a própria personificação do burguês moderno, ambicioso, que desdenha das credences populares, cabe à mulher o papel de tomar a si a responsabilidade pelo mal que assoma a sociedade, que, no filme, é metaforizado pela figura de *Nosferatu*, uma força arcaica que vem disseminar a praga na cidade mercantil.

E contra esta força, de nada valem os esforços ou conhecimentos das autoridades historicamente dotadas de poder, como o professor e o médico, representando o saber científico e acadêmico. Pelo contrário, no caso de Bulwer, como demonstramos, o mesmo parece se render ao fascínio dos mistérios da natureza, vampíricos e fantasmagóricos. A trajetória do personagem Knock e os planos que o mostram de forma quase grotesca, no hospício, também contribuem para uma certa desmoralização das autoridades burguesas

Desta forma, cremos ser possível interpretar o encontro de Ellen e *Nosferatu* como um embate de forças significativo para o momento mesmo em que Murnau e a sociedade alemã se encontravam: para além do bem versus mal, duas forças da

natureza que se imiscuem (lembramos que Nosferatu bebe o sangue da moça) e se neutralizam, aniquilando-se, espécie de apocalipse a fim de que uma nova sociedade possa tomar forma – não mais eivada de fé e submissão aos chamados da natureza, não mais personificação do que temos de mais obscuro em nossa natureza interior, mas uma ainda por construir. A cena final, em que um dos personagens mira significativamente a câmera, e por conseguinte o espectador, parece-nos significativamente o olhar de repreensão a uma sociedade, comunicando a constatação de perdas: de Ellen, que jaz em cima da cama, mas também da paz e da harmonia comunais. E que as lições funestas do passado sirvam para a construção de uma comunidade outra, superando tanto o misticismo romântico quanto a incomunicabilidade extremamente subjetiva característica ao expressionista.